

B. KUCINSKI

# Os visitantes

*Novela*



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Bernardo Kucinski

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Preparação*

Livia Deorsola

*Revisão*

Valquíria Della Pozza

Márcia Moura

*Embora se inspire também em fatos e pessoas reais, esta é uma obra de pura ficção.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Kucinski, Bernardo

Os visitantes : novela / B. Kucinski. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2750-4

1. Ficção brasileira I. Título.

---

16-03696

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

# Sumário

A velha com o número no braço, 11

A recusa, 17

Admoestação, 21

Quarto visitante, 25

Uma visita-surpresa, 32

A visita da ex, 40

Sétimo visitante, 43

Sangue no corredor de pratos, 48

Nono visitante, 53

O estrangeiro, 59

O visitante derradeiro, 69

*Post mortem*, 76

# A velha com o número no braço

Atendi o interfone irritado. Muito irritado. Acabara de ler o jornal e, de novo, não havia referência alguma à novela, sequer uma notinha de canto de página. O porteiro disse: É uma senhora chamada Regina. Eu não me lembrava de nenhuma Regina. Perguntei-lhe o que ela queria. Diz que é sobre um livro, respondeu. Pensei: quem sabe, finalmente, uma jornalista querendo me entrevistar. E mandei subir.

Deparei no corredor com uma senhora de rosto chupado e cabelos brancos. Pensei: velha demais para ser jornalista. Uma anciã. Contudo, algo nela transmitia energia. E vestia-se com elegância. Blusa de seda, saia de veludo, colar de pérolas. Amparava-se numa bengala marchetada. Avaliei que era uma ricaça.

Na mão direita, trazia a novela visivelmente macerada. Antes mesmo de se apresentar, perguntou: O senhor é o escritor deste livro sobre a professora de química que desapareceu? Sem esperar minha resposta, continuou: Um livro forte

e bem escrito, mas tem um erro muito feio que o senhor escritor precisa corrigir. Eu disse: Por favor, entre, senhora... Rebeca, não é mesmo? E perguntei qual era o erro.

A velha, todavia, não se moveu. Ficou ali, de pé, a bengala fincada na soleira da porta, como a demarcar distância. E disse: Regina, meu nome é Regina Borenstein; não vou me demorar, meu motorista está esperando. Eu nem viria se não fosse importante. *Redstu yidish?* É claro que não. Deu para ver pelo livro que o senhor escritor não fala ídiche. Eu disse: Realmente não falo ídiche, respondi. Ela disse: É sobre o holocausto, o senhor escritor escreveu que os alemães registravam todas as pessoas que matavam, mas isso não é verdade! Só registravam os que eram separados para o trabalho forçado, e só em Auschwitz. A maioria ia direto para a câmara de gás, os velhos, as crianças, os que pareciam fracos; imagine se iam registrar cada um, nem daria tempo, era um transporte depois do outro. Seu livro está errado!

A velha socou o livro no batente da porta, como se quisesse expelir de dentro dele o erro, e reforçou em ídiche: *Zer nicht richtig*, isso não está certo. Eu me desculpei: Senhora Regina, não sabia que só em Auschwitz. E perguntei: A senhora é historiadora? Não, eu tenho o número, ela respondeu. Sem largar a bengala nem o livro, a velha arregaçou a manga esquerda expondo por segundos uma sequência de algarismos. É de Auschwitz, disse. Lá havia quarenta e cinco campos de trabalho forçado; nem um, nem dois, quarenta e cinco, além dos campos de extermínio; aposto que isso o senhor escritor também não sabia.

Tentei me desculpar, mas ela me cortou: Minha irmã Blima e meus sobrinhos desapareceram igual a professora de química do seu livro, e não tem registro em lugar nenhum.

Eu disse que lamentava. Ela disse: De que adianta o senhor escritor lamentar? O senhor escritor precisa corrigir; como está é um desrespeito aos milhões que foram desaparecidos.

Seu tom era de acusação, não de lamento. Mantinha os olhinhos miúdos cravados nos meus. Tentei argumentar: Senhora Regina, meu livro não é um tratado de história, é uma novela de ficção, e na ficção o escritor se deixa levar pela invenção, nem o nome da moça aparece. A velha retorquiu: Invenção coisa nenhuma. O nome dela não está, mas todos sabem muito bem quem ela foi, que era professora assistente na universidade quando foi levada pelos militares e que o pai dela era um escritor da língua iídiche. Todos conhecem a história dela; até a televisão já deu.

Procurei contemporizar. Expliquei que os escritores às vezes se valem de fatos reais para criar uma história, e podem até torcer os fatos, para dar mais força à história. Ela protestou: Torcer os fatos?! Daqui a pouco o senhor escritor vai negar o holocausto! E brandiu a bengala de modo ameaçador.

Confesso que me assustei e recuei, temendo uma estocada. Pedi calma: Não é nada disso, senhora Regina. Como poderia negar o holocausto se eu perdi nele meus avós e meus tios? Ao ouvir isso o semblante da velha amoleceu. Então, sentindo-me reanimado, falei outra vez o que não devia: Senhora Regina, eu ignorei um detalhe do holocausto para ressaltar a crueldade dos desaparecimentos no Brasil.

A velha não gostou: Me desculpe, o senhor escritor chama milhões de mortos de detalhe? Só para fazer sua história ficar mais bonita? Isso não está certo! O que vão pensar os rapazes e as moças que sabem tão pouco sobre o holocausto?! Eu disse: Mas eu também mencionei as chacinas. Ela retrucou: O que o senhor escritor conhece das chacinas? Saiba que pro-

curamos na floresta de Chelmno, para onde levaram as mulheres; mostramos as fotografias, ninguém se lembrava de nada, ninguém sabia de nada, não queriam saber, isso sim, ajudaram a matar, essa é que é a verdade.

Ao dizer isso, a velha tirou de dentro do livro duas fotografias, uma em sépia, outra em branco e preto, ambas gastas. Mantinha-se firme de pé, mas suas mãos tremiam. Disse: Esta é Blima, veja como era bonita. Esses dois são Josef e Mendel; nós éramos muito ligados. Estão de uniforme escolar, nem tinham terminado o colegial. Depois, iam estudar em Varsóvia.

Por um breve momento a velha se calou, pensativa. Súbito perguntou: Vocês nunca descobriram? Eu disse: Não. Ela disse: Eu também não. A vida toda procurei, no Yad Vashem, na Cruz Vermelha, nunca deixei de procurar, igual esse senhor K. da sua história que procurou a filha por toda parte, até a Berlim Oriental eu fui, depois que caiu o muro... Quando penso que depois de mim não haverá ninguém para procurar...

Consternado, balbuciei um sintoma muito. Então ela disse: Quem sabe essa Comissão da Verdade descobre... Sumiram com a professora de química porque era da resistência, não por ser judia. Pois saiba que lá também todos os que foram pegos na resistência sumiram, os nazis reabriram as fossas e queimaram tudo — aposto que isso o senhor escritor também não sabia. Foi um decreto de Hitler, quando viu que a guerra estava perdida.

De fato, eu não sabia. Disse a ela: Aqui os generais decidiram sumir com todos os que conseguissem pegar numa reunião secreta. Ela disse: O decreto do Hitler também foi secreto. Eu disse: Um jornalista chegou a publicar um pedaço da ata dessa reunião, mas quando a ditadura acabou não se encontrou nada.

Ela parecia não mais me escutar. Já tinha as falas na ponta da língua. Crimes hediondos, milhões de mortos, famílias inteiras, cidades incendiadas, e o senhor escritor chama isso de detalhe! Tentei me justificar: Senhora Regina, eu não ignorei as atrocidades, apenas me vali de um recurso que os escritores chamam de licença poética. A velha de novo se enfureceu: Licença poética?! Onde já se viu! Não tem poesia nenhuma nisso! Se o senhor escritor lidou com fatos históricos tinha que ser fiel aos fatos!

Em seguida, me contou: Passei dois anos montando turbinas em Auschwitz, e mais oito meses em Hamburgo, fabricando blocos. Em torno de Hamburgo havia oitenta e cinco campos de trabalho forçado; isso o senhor escritor também não sabia, não é mesmo?

Eu não conseguia mais responder.

A velha então largou o livro no piso, como quem se livra de um objeto contaminado, e disse: Passe bem, senhor escritor. Deu-me as costas e caminhou até o elevador, dando passos curtos e enérgicos, a mão direita agora firme na bengala. Na mão esquerda levava as fotos. Sua cabecinha miúda mexia-se de um lado a outro, como que inconformada. Curvei-me envergonhado e apanhei o livro. Estava bastante riscado.

Passei a tarde pensando na velha. Conferi as passagens sublinhadas. Nenhuma anotação, só riscos, a lápis, traçados com fúria. Em seguida, pesquisei na internet e fiquei pasmo. Com razão a velha me chamara de ignorante. Cinco milhões de prisioneiros escravizados pela SS. Cada fábrica tinha um contingente; cada fazendola, um ou dois. Uma extensa escravatura para substituir os trabalhadores alemães convertidos em soldados.

Só então entendi *A lista de Schindler*, que tantas vezes as-



sistira, tomando-o como a história de uma exceção. Era a regra, não a exceção. Centenas de Schindlers usando escravos fornecidos pela SS. Tinham que pagar à SS cada hora trabalhada. Por isso os trabalhadores forçados eram numerados; por isso deles, e somente deles, era dada baixa. Meticulosa e macabra contabilidade. Descobri na Wikipédia que o campo em que a senhora Regina fabricou blocos chamava-se Neuengamme. Por lá passaram oitenta mil; um em cada três não chegou vivo ao fim da guerra.

Leio na Wikipédia informações sobre a autobiografia de Primo Levi, *É isto um homem?*. Eu havia lido *A trégua*, em que ele relata o tortuoso caminho de volta a casa ao ser libertado do campo de Monowitz, onde foi mantido por um ano. Ele diz que todos ansiavam chegar às suas casas não apenas por instinto de sobrevivência, mas também para contar o que haviam visto. Na mesma tarde comprei *É isto um homem?* e o li de uma tacada. Em Monowitz dez mil prisioneiros foram forçados a construir uma fábrica de borracha sintética. Eternamente famintos, muitos perdiam todos os atributos humanos.

Primo Levi nunca se libertou verdadeiramente de Auschwitz. Décadas depois da guerra, suicidou-se. Pus-me a refletir sobre destinos tão discrepantes de dois sobreviventes do mesmo inferno. Quem sabe a velha senhora Regina teimou em viver porque tinha a quem procurar?

# A recusa

Ainda remoía a censura da senhora Regina quando recebi, dias depois, outra visita inesperada. Uma das amigas. Elas eram três antes do desaparecimento, inseparáveis desde os bancos escolares. Amigas íntimas, de não ter segredos, de compartilhar projetos de vida, de trocar cartas intermináveis se uma delas viajava, já num tempo em que poucos escreviam cartas. O desaparecimento afetou as outras duas profundamente, como se cada uma tivesse perdido um pedaço de si mesma. Mas, estou me antecipando; isso só percebi depois do episódio que passo a contar.

A que me visitava era, das três, a mais alegre e descontraída. Cabelos loiros e encaracolados, tinha face radiosa. Chegou séria, no entanto, e me pareceu entristecida. Eu lhe havia pedido para entregar um exemplar da novela à outra amiga. Seu relato, que ouvi acabrunhado, confirmou temores meus até então vagos. Logo ao entrar disse: Ela não quis o livro, não quis ver nem sua dedicatória, repeliu com um tapa.

Senti-me mortificado e por um longo momento não soube o que dizer. Por fim nos sentamos e perguntei: Ela disse mais alguma coisa? Não, ela se encolheu, nervosíssima, até me afastei, esperei ela se acalmar; parecia um bicho acuado, disse a amiga. Só então me convenci do que no íntimo já suspeitava: o livro machucara as amigas. Restava-me a esperança de que foi por sentirem-se enganadas, ao descobrirem sua vida dupla, e não pelo que escrevi ou deixei de escrever. Indaguei: Ela explicou a raiva? Só disse que você não a conhecia, até a desdenhava, todos na família a subestimavam, você, seu irmão, sua mãe, a cunhada, todos, até o pai, em parte. Por que até o pai?, quis saber. Porque não passava pela cabeça dele que a filhinha querida e graciosa tivesse se transformado numa mulher política.

Fiquei a meditar alguns segundos, depois perguntei: Já que ela não quis ler, você passou alguma coisa do conteúdo? Falei que está bem escrito, que é um texto delicado, até poético. E o que ela respondeu? Ironizou, você sabe como ela é sarcástica. Reconheceu que escrever bem é com você mesmo, mas tinha que ser o contrário, tinha que ser um livro sujo, como foi sujo tudo aquilo, tinha que ser como um vômito, mas você preferiu escrever um livro bonito e ilustrado por artista famoso para ganhar prêmio.

Reagi indignado. Disse-lhe: Pois saiba que a novela escreveu-se quase por si mesma, como um desses livros espíritos psicografados; e nem era novela, eram uns contos, primeiro um, depois outro, e saíam fácil, como se já estivessem prontos. A amiga esboçou um sorriso e ironizou: Você fala como se fosse uma galinha botando um ovo por dia. Também sorri com a comparação e corrigi: Não era um por dia, era um por semana, mas foi assim mesmo, como se cada um fosse um desafo-

go. Ela contestou: Está tão bem-acabado que não é só desafo-  
go, você queria reconhecimento literário.

Pensei: claro que um autor busca reconhecimento, isso é natural, mas dizer que escrevi para ganhar prêmio é me chamar de oportunista. Perguntei: Em que momento ela me acusou de querer ganhar prêmio? Quando mostrei a ela a capa com o desenho do Enio Squeff. Eu disse: Pois saiba que o Squeff desenhou sem que eu pedisse, foi desenhando à medida que lia, em cima de uma cópia, é a forma de ele ler, desenhando, esclareci. Ela retrucou: Isso não muda nada. Claro que muda, muda tudo, ele desenhou sem intenção de fazer uma capa, muito menos de ganhar prêmio, assim como eu escrevi sem intenção alguma.

A amiga ficou por um instante em silêncio, depois disse: Você não entende, é tudo mais complicado; para você ter uma ideia, o rosto dela avermelhou de brotoejas. Estranhei: brotoejas? A amiga explicou: É uma reação psicossomática que aparece sempre que ela se perturba; depois chorou. Eu me surpreendi. Chorou? Mas que merda! Chorou por quê? Alguma recordação ruim; ela quer lembrar a amiga alegre, não a amiga desaparecida. Perguntei: Você também? Eu sou diferente, sei lidar com perdas, ela não; nunca vai a enterros; no do pai só apareceu na hora do *kadish*, no do irmão foi a mesma coisa.

Pensei no capítulo em que ela escreve uma carta à amiga que agora se recusa a ler o livro, lembrando *O anjo exterminador*, de Buñuel, a que haviam assistido juntas. Os personagens do filme não conseguem abandonar um palacete após um longo jantar, embora os portões estejam abertos. Parecem retidos por um sortilégio. É uma alusão à luta armada, da qual participava sem a amiga saber, luta que sabia perdida sem que dela pudesse escapar. Carta soturna e premonitória, quase

uma despedida antecipada, na qual se queixa também do pai, que só pensa nos amigos literatos, dos colegas da química, que chama de bundões, do irmão que com ela não fala, e até dos companheiros que diz estarem fora da realidade.

A carta é inventada. Endereçada à amiga, nem poderia estar entre os papéis que encontrei depois do desaparecimento. Ainda assim me questionava se foi correto ter metido as amigas na novela. Perguntei: Você falou do capítulo da carta? Falei, mas sem entrar no conteúdo, é muito forte. E o que ela disse? Disse que não estava interessada e que as cartas que tinha queimou todas. Perguntei: O que mais? Também disse que, se o que está nessa carta for verdadeiro, todos vão saber da vida delas, e isso não se faz; se for falso, pior ainda; disse que um livro assim precisa ser destruído. Estupefato, pedi para repetir: Destruído?! Ela disse destruído?! A visitante confirmou: Ela disse que, se pudesse, queimava a edição inteira. Merda, pensei. Porém não disse nada.

Depois de algum tempo calada, a amiga se ergueu e pôs discretamente o livro com a dedicatória rejeitada na beira do console. Já alcançava a porta quando perguntei: E você, o que achou da novela? Ela respondeu quase sussurrando: Só li até o capítulo da carta, não consegui continuar; tentei, mas não deu. E fechou delicadamente a porta atrás de si. Senti-me um crápula.